

decisões. De modo geral, procura-se explicar o papel do antropólogo aos administradores e vice-versa.

No capítulo final Foster focaliza um tema crucial da participação do antropólogo em programas de mudança cultural provocada, o problema ético. Partindo do reconhecimento da presença necessária de elementos não-científicos nesse tipo de situação, insiste em que, embora a ciência não possa responder a questões de natureza filosófica, ela pode indicar as conseqüências de decisões baseadas em tais ou quais princípios éticos.

Os aspectos éticos da ação do antropólogo são analisados de três pontos de vista. Em primeiro lugar, a responsabilidade com relação à população estudada, o que envolve a necessidade de proteção dos informantes e o caráter sigiloso das informações. Depois, a responsabilidade científica de publicar os conhecimentos adquiridos. Finalmente, a da participação no projeto e nas decisões que irão influir no destino da sociedade estudada. Dentro desse esquema geral, discutem-se, de um lado, o "conservantismo" que parece caracterizar o antropólogo e, do outro, o reconhecimento de que a mudança é não só inevitável, como freqüentemente desejada. Com referência à posição de Sol Tax, que pretende atribuir a responsabilidade das decisões às próprias comunidades, Foster demonstra que os povos não são livres de tomar decisões, pois a mudança depende de fatores alheios ao seu contrôle. Ademais, as aspirações das populações em mudança são em geral contraditórias; envolvem de um lado, a aceitação dos benefícios de uma civilização industrial (abundância de bens de consumo, assistência social etc.); de outro, uma recusa em promover as condições necessárias para a mudança e em aceitar as conseqüências inevitáveis dessa transformação (competição econômica acentuada, disciplinação das taxas de lucro e do aparelho administrativo, transformação da estrutura familiar etc.). Não se procura, porém, mostrar que o conflito de aspirações é, em grande parte, manifestação de outro, entre interesses de classe.

Um aspecto central do problema ético não é abordado, a não ser implicitamente. É o das implicações políticas dos próprios programas de desenvolvimento técnico ou de assistência social e da conveniência ou não de se agir apenas no nível dos sintomas de uma estrutura política, social e economicamente arcaica, e de se contribuir talvez para a manutenção do *status quo* que origina êsses sintomas.

*Eunice Ribeiro Durham*

HIROSHI SAITO: *O Japonês no Brasil*. 238 págs. Editôra Sociologia e Política. São Paulo, 1961.

Esperávamos com grande interêsse êste trabalho do Prof. Saito, por ser a primeira tentativa de estudar a imigração japonesa em seu conjunto. O livro reúne dados de diferentes pesquisas, realizadas nas diferentes regiões brasileiras em que êstes imigrantes se localizaram e acrescenta a esta síntese resultados de trabalhos de campo do autor, conseguindo uma obra equilibrada e muito informativa.

Até agora, tôda a pequena bibliografia sôbre os japoneses no Brasil compunha-se quase que exclusivamente de trabalhos sôbre áreas especiais; neste livro toma-se a imigração como fenômeno global, examinando-se ao mesmo tempo as suas condições, as suas causas e as peculiaridades do ajustamento e do sucesso alcançado pelo japonês no Brasil.

A falta de informações comparáveis foi o maior obstáculo que o autor enfrentou e que só pôde ser superado graças à sua rica experiência de pesquisas de campo e ao uso de uma série de documentos em japonês ainda não explorados.

Partindo da história da imigração japonesa para o Brasil, Saito discute a situação no Japão e as imigrações para o Havai e os Estados Unidos, procurando explicar a disposição com que aqui chegava o japonês. Este imigrante, através da venda de seu trabalho, pretendia atingir uma prosperidade fácil, que lhe permitisse um retorno rápido. A situação econômica do Brasil não permitiu a concretização do plano; pelo contrário, exigiu a fixação do imigrante. Isto se deveu à transformação por que passou a agricultura desde o início do século, oferecendo oportunidades novas para os pequenos proprietários, quer para aqueles que próximos às cidades em desenvolvimento cuidavam de abastecê-las, quer para os que se dedicavam ao plantio dos produtos necessários à indústria que se iniciava. Como exemplo típico destas duas situações temos, entre outros, os japoneses do núcleo de Cotia e os plantadores de algodão em terras arrendadas do Noroeste Paulista.

Os critérios que orientaram esta história da imigração permitiram distinguir três períodos, definidos pelas condições da emigração e pela situação econômica das várias regiões brasileiras. Os três períodos são as coordenadas de toda a análise posterior, onde estão colocados os problemas mais imediatos de adaptação ao novo habitat (Cap. III e VI), analisando-se a mobilidade, suas causas econômicas e decorrências sociais.

A grande mobilidade geográfica das famílias japonesas é apresentada como decorrência do desenvolvimento da economia paulista e não como algo peculiar à cultura dos imigrantes. Apoiada em dados seguros, esta parte do trabalho nos pareceu a mais interessante, uma vez que trata do processo de ascensão social relacionado à mobilidade geográfica. Mostra-se a necessidade de mudança de domicílio para passar de colono a arrendatário e depois a proprietário rural ou urbano, desencadeando assim o processo de diversificação ocupacional dentro da colônia japonesa.

Na última parte do livro estuda-se a estrutura das comunidades de imigrantes a partir dos fatores integrativos atuantes. Infelizmente esta análise refere-se exclusivamente às comunidades rurais; gostaríamos de ver estudados também os mecanismos de coesão atuantes nas colônias japonesas urbanas. É certo que para este tipo de agrupamentos os dados são praticamente inexistentes, mas fica levantado o problema, que poderá ser objeto de futuros trabalhos.

*Ruth Corrêa Leite Cardoso*

FLORIAN PAUCKE, S. J.: *Zwettler Codex 420. Hin und Her: Hin süsse, und vergnügt, Her bitter und betrübt*. Herausgegeben von Etta Becker-Donner unter Mitarbeit von Gustav Otruba. Parte I. 444 págs., ilustr. W. Braumüller. Viena, 1959.

Uma das fontes mais completas para a história das reduções jesuítas no Paraguai e a única para o estudo das missões dos Mocovi é, sem dúvida, o relato do pe. Florian Paucke, que durante 18 anos desenvolveu suas atividades junto a essa tribo cadaquenha. Trata-se também de uma obra de fundamental interesse para os estudiosos que se ocupam da expulsão dos jesuítas da América do Sul.

Escrito por volta de 1770 e arquivado no convento de Zwettl, o manuscrito foi várias vezes parcialmente divulgado, tendo sido sua primeira edição completa, traduzida para o espanhol por Edmund Wernicke, mérito da Universidade Nacional de Tucuman. Surge agora a primeira parte da edição completa do original na série de publicações do Museu de Etnologia de Viena, notando-se nela a fidelidade à ortografia do autor e a inclusão de todas as ilustrações do texto. A única alteração empreendida diz respeito à estrutura da obra: no primeiro volume encontram-se as partes 1, 2 e 5 do texto original (partida da Europa rumo às Índias Ocidentais, permanência